

Direita, volver, o novo rumo do governo Sarney

Villas-Bôas Corrêa

O governo sai da mudança parcial do Ministério com uma nítida definição conservadora, assumidamente centrista, desfazendo-se dos últimos e frágeis laços que o prendiam, a contragosto, à ala esquerdista do PMDB. Esta a consequência política mais importante da crise crônica, que vinha rolando desde os primeiros atritos notórios entre o presidente José Sarney e o grupo progressista, atravessando vários instantes de tensão e, afinal, decidindo-se no rompimento que afastou o deputado Ulysses Guimarães do Planalto, afirmando a sua liderança sobre a Constituinte.

Se o choque, mesmo provocado por Sarney, ocorreu num momento claramente inoportuno, nos começos da campanha para a eleição municipal deste ano e na última fase dos trabalhos da Constituinte, a verdade é que o governo está apenas se alinhando no modelo de redefinição política, pendendo para o confronto ideológico.

Constituinte — A rearrumação política começou a esboçar-se nas atribuições da Constituinte, desde a sua instalação. Os grandes partidos, a começar pelo PMDB, não conseguiram sustentar a unidade, conduzindo a bancada para a defesa de propostas oficialmente adotadas pela legenda. Não foi só o partido do doutor Ulysses a pagar o preço de um gigantismo faturado nas urnas de 86, em cima dos sortilégios do cruzado. O PFL suportou mais tempo mas, afinal, sucumbiu ao racha. A exceção ficou por conta das siglas nanicas, obedientes a lideranças carismáticas como a de Brizola sobre o PDT, ou consistentes pela pressão das suas bases, como o PT do deputado Luís Inácio Lula da Silva.

Mas os rachas partidários acelerados pela Constituinte, na aparência caótica, guardaram uma coerência que custou a ser identificada. A Constituinte não está seguindo o esquema clássico das composições partidárias. Ela vem buscando improvisar a arrumação pela linha divisória mais poderosa do centro, de um lado, e da esquerda de outro.

As siglas dissolveram-se nos blocos, grupos, alas. Progressistas versus moderados. O Centrão exprimi a necessidade de os con-

servadores se articularem para o confronto com a esquerda, tradicionalmente mais atuante e esperta.

Quando as estruturas partidárias começaram a estalar, as motivações estaduais, embora decisivas, não apagaram a marca da divergência ideológica. A dissidência que tucanou, despedindo-se do PMDB para formar o PSDB, afirmou a sua inconformidade oposicionista mas fundamentou o seu desligamento no protesto contra a descaracterização do partido das mudanças, virando as costas aos compromissos da transição para recuar para o mais deslavado e oportunista conservadorismo.

O PMDB não pode ser reconhecido como o partido da ortodoxia centrista. É, todavia, significativo que os progressistas se sintam mais e mais desconfortáveis na legenda que é cada vez menos do governador Waldyr Pires, da Bahia, e mais dos governadores Newton Cardoso, de Minas, e Orestes Quércia, de São Paulo. E que o peneiramento dos ministros do PMDB apure a coerência conservadora, desmanchando a ambigüidade do perfil frentista de um passado de resistência.

Sucessão — A remontagem do plenário da Constituinte, como as crises que corrompem os partidos e, agora, a operação final de enxugamento do governo registram uma semelhança que não acontece por acaso. O velho modelo partidário, que moldava o feito do governo e da oposição, desfez-se na Constituinte. Nada está resistindo à sua caducidade. As profundas mudanças da sociedade impõem a reciclagem para o ajustamento a uma outra realidade.

Se a Constituinte está decidindo, no acordo ou no voto, a futura Constituição no confronto entre centro e esquerda; se os partidos largam pedaços na crise da coerência; se até o governo opta e supera a contradição, é sinal de que alguma coisa nova está acontecendo. E que projeta o esquema do amanhã. A sucessão presidencial com exigência de maioria absoluta, portanto com a probabilidade de dois turnos, oferece a moldura ideal para a recomposição partidária. A campanha estimula a disputa, na reta final, por dois candidatos diferenciados pelas posições ideológicas. Um candidato de centro, com as propostas moderadas, contra o candidato da esquerda, brandindo as bandeiras populares.

E, na emoção da campanha, dividindo o país de alto a baixo. Na campanha e depois, na caracterização do governo de um lado e a oposição do outro. Cada um com seus estandartes e camisas redesenhadas.